

Cantar, lavar, torcer e bater: O ritmo do trabalho e do lazer na vida diária do trabalhador negro teresinense no final do século XIX e início do XX

Talyta Marjorie Lira Sousa *
Universidade Federal do Piauí
E-mail: talytamarjorie@hotmail.com

Resumo: Ao tomar como referência o trabalho urbano e as especificidades do processo de libertação de escravizados em Teresina, procuro reconstruir a trajetória dos trabalhadores libertos na sociedade teresinense, de 1888 a 1920, desvelando como o trabalho e o lazer existiam simultaneamente no momento cotidiano da população negra teresinense. Fundamento o meu trabalho em uma revisão de literatura e fontes documentais primárias que compõem o acervo do Arquivo Público do Estado do Piauí. Este trabalho é fruto do desejo de estudar a História do Piauí e principalmente a história da população negra. É viável visto a sintonia entre o acesso às fontes e o objetivo proposto pelo trabalho, que oferece novos elementos para a compreensão do caminho percorrido pelos negros na história e na historiografia piauiense e brasileira.

Palavras-chave: População negra teresinense; Trabalho e Lazer.

O lazer se traduz por uma dimensão privilegiada da expressão humana dentro de um tempo conquistado, materializada através de uma experiência pessoal criativa, de prazer e que não se repete no tempo/espço, cujo eixo principal é a ludicidade. Ela é enriquecida pelo seu potencial socializador e determinada, predominantemente, por uma grande motivação intrínseca e realizada dentro de um contexto marcado pela percepção de liberdade. É feita por amor, pode transcender a existência e, muitas vezes, chega a aproximar-se de um ato de fé.¹

O lazer é parte integrante da rotina de vida dos trabalhadores. Para compreendermos sua importância, é necessário partir de diferentes proposições identificando um breve panorama sobre a historiografia do lazer e sobre as suas peculiaridades em relação ao trabalho. Assim pretendemos voltar nossos olhares para saber como o trabalho e o lazer existia simultaneamente no momento cotidiano da população negra teresinense.

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí – UFPI, membro do núcleo de pesquisas sobre Africanidades e Afrodescendentes – IFARADÁ, do projeto de pesquisa Memória, Cultura, Identidades e Patrimônio Cultural, orientada pela Prof.^a Dr. Áurea da Paz Pinheiro.

¹ BRAMANTE, Antonio Carlos. Lazer: concepções e significados. Licere, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 9-17, set. 1998.

Inicialmente verificamos que lazer é uma prática social agregada ao desenvolvimento da sociedade urbano-industrial. Surge primeiro como ambiente de identificação e diferenciação de classe, significando estratégia de controle e disciplinamento sobre o tempo livre dos trabalhadores. Hoje é compreendido como ocasião de descanso para a reabilitação da força de trabalho ou como um tempo para o consumo de mercadorias. O lazer pode ser visto como uma espécie de remédio ou tempo pendente frente os obstáculos e a resignação provocados pelo trabalho.²

Os significados conferidos ao lazer podem remeter-nos a expressão que indicam determinadas ações apreciadas por quem a vivência. Porém, não podemos associar o lazer apenas como experiências pessoais, pois configura um entendimento restrito da questão, uma vez que delimita os conteúdos de determinadas vivências. O lazer não pode ser compreendido unicamente pelo conteúdo da ação, isto é, não é atividade em si que o evidencia.

A origem da palavra lazer é latina, e esta associada com “*preguiça, pouca vontade de trabalhar*”, isso nos permite averiguar que o lazer vem acrescentando valores que o agregam ao trabalho. Nessa associação, muitas vezes, o lazer adota a expressão de oposição ao trabalho. Em 1930, Claude Augé, lazer passou a ser interpretado como distrações, ocupações às quais o indivíduo poderia entregar de espontânea vontade. Essa entrega, no entanto, não deveria acontecer em qualquer momento: somente no espaço de tempo não-ocupado pelo “trabalho comum”.³

No final do século XIX e início do XX, o binômio lazer/trabalho mostrou-se mais claro nas sociedades urbano-industriais para um estabelecido segmento social: trabalhadores assalariados. Foi nesse contexto que surgiu o estudo sobre lazer. O plano da modernidade sobressaiu pela fragmentação dos tempos e dos espaços sociais, aspecto decisivo para o redimensionamento da sociedade urbana e industrial. Essa nova orientação provocou um maior distanciamento entre público e privado, entre ciência e religião, entre trabalho e lazer.⁴

² CUSTODIO, Mariana L.; SOUSA, Wilson L. de; MASCARENHAS, Fernando; HÚNGARO, Edson Marcelo. *O lazer e o reino da liberdade: reflexões a partir da Ontologia do ser social*. In: Licere, Belo Horizonte, v.12, n.4, dez./2009.

³ GOMES, Christianne Luce. *Lazer e trabalho*. Brasília : SESI/DN, 2005.

⁴ Ibidem, p.60-61.

O crescimento industrial tornou possível às sociedades urbanas se consolidarem como centros produtores no setor econômico, inaugurando, na Europa, uma nova forma de vida social. A mecanização do trabalho, a especialização das tarefas e a organização racional das atividades descrevem os primeiros vertígios de transformação do trabalho urbano, que, depois, se desdobrou também ao agrário.⁵

No transcurso do século XIX, propagou-se a idéia de que o trabalho permita progredir a riqueza das nações⁶. O lazer institucionalizou-se em concordância a esses valores, sendo compreendido como tempo/espaço destinado à vivência de atividades lúdicas consideradas, pela burguesia, “lícitas, saudáveis e produtivas”. O lazer é, assim, uma dimensão da cultura construída conforme as peculiaridades do contexto histórico e social no qual é desenvolvido.⁷

Assim, à medida que a burguesia procurou desempenhar controle sobre o tempo livre, convertendo em vantagens o próprio tempo de trabalho, o ócio foi visto como um desvio, e o lazer — normativo, controlado, regulado — passou a ser a regra.⁸ O lazer não pode ser considerado como uma categoria em oposição ao trabalho, também não pode ser visto como um recurso para a problemática social, cuja pretensão seja abrandar as tensões ou reparar os danos que marcam o mundo do trabalho.

Não existe uma conformidade quanto à conceituação sobre lazer. O conceito mais utilizado e que desempenha uma grande referência é o formulado por Dumazedier. Segundo Camargo, apud Gomes, através da colaboração de Dumazedier que o lazer afastou-se da idealização teórica e passou a ser debatido como um fato baseado na experiência, limitável e observável, instigando novas pesquisas sobre o tema:

O lazer constitui-se um conjunto de atividades terceiras diversas das atividades produtivas e das obrigações sociais que apresentam a estas novos problemas. Surge como elemento perturbador na cultura de nossa sociedade. O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.⁹

⁵ QUEIROZ, Maria Isaura P. de (Org.). *Sociologia rural*. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

⁶ *Ibidem*, p.64-65.

⁷ *Ibidem*, p.68-69.

⁸ SANT'ANNA, Denise B. *Depois do trabalho, o lazer*. *Proj. História*. São Paulo, n. 16, p. 245-248, fev. 1998.

⁹ DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 28-34.

O conceito de lazer como “*um conjunto de ocupações*”, tem sido criticado por vários autores. Pois além de reduzir o lazer à prática de determinadas atividades, presume que o indivíduo deve exercer alguma atividade. No momento em que Dumazedier expôs essa definição, o lazer posto em oposição ao conjunto das necessidades e das obrigações da vida cotidiana, especialmente do trabalho profissional.¹⁰

A concepção de lazer de Dumazedier predisps autores brasileiros a pensar sobre o tema, com destaque para Marcellino, Melo e Alves Júnior e Werneck. Segundo Gomes Marcellino é um dos autores mais mencionados nos estudos sobre o lazer no Brasil, e por isso suas idéias são correlacionadas aos pensamentos de Dumazedier.

Em sua obra Marcellino, dar considerável realce às idéias de Dumazedier. Ele enfatiza que o lazer pode ser compreendido a partir da combinação dos aspectos tempo e atitude. A atitude diz respeito à relação estabelecida entre o sujeito e a experiência vivida, fruto de uma escolha pessoal e prazerosa. O tempo refere-se ao tempo disponível, obtido pelo indivíduo após se desvincilhar não apenas das obrigações profissionais, mas também das obrigações familiares, sociais e religiosas, ou seja, o tempo da não-obrigatoriedade.¹¹

Essa concepção de lazer é utilizada para compreender como o trabalho e o lazer coexistiam na sociedade teresinenses do final do século XIX e início do XX. Para Marcellino o lazer é compreendido:

[...] como a cultura – compreendida em seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no “tempo disponível”. O importante, como traço definidor, é o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A “disponibilidade de tempo” significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa.¹²

Lazer também está atrelado à dimensão da cultura. Associar o lazer com a cultura destaca a importância de examinar conhecimentos sobre esta última. Hoje essa noção vem crescendo e sendo projetada como um campo privilegiado da produção humana

¹⁰ Ibidem, p.26-27.

¹¹ Ibid. id.

¹² MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e educação*. Campinas: Papirus, 1987, p. 31.

em vários aspectos. Estabelecendo as peculiaridades do contexto histórico e sociocultural no qual se desenvolve, o lazer implica “produção” de cultura, no sentido da reprodução, da construção e da transformação de diversos conteúdos culturais usufruídos por pessoas, grupos e instituições¹³. O que distingue o lazer de outras práticas sociais e culturais de nossa sociedade é o fato das noções que o caracterizam — tempo, espaço-lugar, ações/atitude e manifestações culturais — serem fixados no lúdico, e exposto a pressão e interferência do contexto.

Entendendo o lazer como disposição de tempos e lugares para vivências da cultura lúdica, Leila Pinto evidencia a construção de interações agradáveis centradas no sujeito, em um determinado contexto, concebido a partir de sua curiosidade, seus desejos, suas descobertas críticas e criativas.¹⁴ Do seu ponto de vista, lazer implica sonhos, gerenciamento de conflitos e anúncios; pressupõe relações humanizadas e transformação de tempos e espaços educativos (formais e não formais) em experiências lúdicas.

A ludicidade, como eixo fundamental da experiência de lazer, é segundo Antonio Carlos Bramante, uma das poucas concordâncias entre os estudiosos que fundamentam as teorias sobre o tema. Segundo ele, o lazer:

O lazer se traduz por uma dimensão privilegiada da expressão humana dentro de um tempo conquistado, materializada através de uma experiência pessoal criativa, de prazer e que não se repete no tempo/espaço, cujo eixo principal é a ludicidade. Ela é enriquecida pelo seu potencial socializador e determinada, predominantemente, por uma grande motivação intrínseca e realizada dentro de um contexto marcado pela percepção de liberdade. É feita por amor, pode transcender a existência e, muitas vezes, chega a aproximar-se de um ato de fé.¹⁵

Em diversas situações, os negros utilizavam as brechas no trabalho para circular pela cidade, transformavam esses momentos na rua em momentos de diversão, passeavam pela cidade, frequentavam bares e praças. A formação da cidade negra vai

¹³ WERNECK, Christianne L. G. *Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas*. Belo Horizonte: Editora UFMG/Celar, 2000.

¹⁴ PINTO, Leila M. S. M. Lazer e mercado. *Licere*. Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 182-188, 2000.

¹⁵ BRAMANTE, Antonio Carlos. *Lazer: concepções e significados*. *Licere*. Belo Horizonte, v. 1, n. 1. p. 9-17, set. 1998, p. 9.

ser o processo de luta dos negros no sentido de instituir a busca pela liberdade, é um tecido de práticas e significados que politizam o cotidiano dos sujeitos históricos.¹⁶

A rua vai ter um importante papel voltado agora para a troca cultural. Nos locais de trabalho vão existir laços dinâmicos no conviver.¹⁷ O lazer era o espaço onde as pessoas poderiam demonstrar seus sentimentos, um território potencial de estímulo às tradições próprias de um povo que trabalhava, com muitas dificuldades, por melhores condições de vida.

O mercado de trabalho em Teresina estava voltado para as atividades industriais, como na fábrica e fiação, fogos de artifício e sabão, e para atividades comerciais no centro de Teresina. Segundo Mafalda Baldoino a cidade de Teresina tinha pouco a oferecer à população que, nas últimas décadas do século XIX, crescia e, com ela, aumentavam também os segmentos da pobreza. Uma parte desses segmentos sociais sobrevivia à custa de trabalhos, de ganhos baixos e irregulares, sem local estável de serviços, atuando nas ruas, praças, esquinas e debaixo de árvores.¹⁸

Muitos homens se entregaram à ociosidade continua e descobriram, no convívio com outros homens da mesma situação, um bom entretenimento. As reuniões em acanhados grupos, pelas esquinas e becos, era algo atrativo, do ponto de vista seja das relações de camaradagem, seja do prazer de sair da rotina. Em compensação a moral dessa condição de dependência desmoralizava crescentemente o negro, porque na sociedade lhes dava uma imagem de indisciplina e irresponsabilidade com o trabalho que desenvolviam. Depois da Abolição a sociedade continuou a não suportar a “reunião de negros”. A polícia dissipava as reuniões por qualquer motivo, temia-se pela segurança e pelos bons costumes. Posteriormente viu-se que os negros não denotavam ameaça perigosa, era necessário apenas mantê-los sob vigilância continua.¹⁹

As ruas de Teresina estavam repletas dos sentimentos dos trabalhadores libertos. Foi nas ruas da capital da Província que o negro garantiu sua subsistência. Os locais mais movimentados de Teresina, na segunda metade do século XIX e início do XX,

¹⁶ Ibidem, p. 120.

¹⁷ ALMEIDA, Patrícia Lage de. *Elos de permanência: o lazer como preservação da memória coletiva dos libertos e seus descendentes em Juiz de Fora no início do século XX*. Dissertação. (Mestrado) Universidade Federal de Juiz de Fora, MG.

¹⁸ ARAÚJO, Maria Mafalda B. Cenas do viver. In: *Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1995.

¹⁹ Ibidem, p. 105.

eram as ruas em torno da Praça da Constituição [Praça Marechal Deodoro da Fonseca ou Praça da Bandeira], a Rua da Glória [Rua Lizandro Nogueira], a Rua Bela [Rua Senador Teodoro Pacheco] e a Rua Paissandu, onde existiam lojas comerciais e o mercado. Estes locais tinham duas funções: a primeira era de propiciar aos trabalhadores livres chances de exercer atividades remuneradas, e a segunda era que nestes locais surgiram novas sociabilidades.

A libertação em geral quase não modificou a condição de vida material e social dos ex-escravizados. No entanto, constata-se que os ex-cativos da zona urbana continuaram exercendo as mesmas funções de quando eram escravos. A sociedade permaneceu marginalizando os negros, dando-lhes uma imagem de indisciplina e falta de responsabilidade com o trabalho que desenvolviam. Os libertos receberam todos os tipos de adjetivos pejorativos: arruaceiros, preguiçosos, desocupados, prostitutas, bêbados, ladrões, aproveitadores.²⁰

Os libertos sofriam com as condições de vida material precárias. As alternativas de sobreviver na cidade giravam em torno de possuir um roçado, ter um ofício, ou ser miserável. Muitos negros ao se depararem com a liberdade não sabiam como iriam se sustentar, pois não tinham aprendido nenhum ofício ou praticado qualquer atividade. Outros mais experientes já tinham idéia do que era manter-se, pois antes viviam longe do seu senhor e, além de trabalhar para pagar a quantia diária estipulada, tinham que trabalhar para vestir-se e alimentar-se.

As alternativas de trabalho no espaço urbano para os ex-escravizados giravam em torno dos trabalhos domésticos e dos trabalhos especializados. No campo do trabalho doméstico estavam as passadeiras, as cozinheiras, as costureiras e os roceiros. Já no trabalho especializado têm-se os sapateiros, os barbeiros e os ferreiros. Ainda havia aqueles que prestavam serviços públicos, como na construção de prédios, calçadas e ruas; os negros de aluguel e artistas escultores, pintores e músicos.

Os inventários de Teresina e os relatórios do chefe de polícia dos anos de 1881 a 1890 apontam que a maior parte dos negros antes da Abolição possuíam alguma ocupação. No inventário do Capitão Antônio da Costa Marques, de 1786, observa-se a ocupação de três de seus escravos, o primeiro é Raimundo, mulato, 53 anos de idade,

²⁰ OLIVEIRA, Maria Inês Cortês. *O liberto e os outros mundos*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), UFBA, 1979.

solteiro, filiação desconhecida, ofício de cozinheiro, matriculado na coletoria sob o número de ordem 2.055. O segundo é Manuel Nagou, preto, 69 anos de idade, solteiro, filiação desconhecida, ofício de roceiro, matriculado na coletoria sob o número de ordem 2.056. E a última é Tereza, mulata, 23 anos de idade, solteira, filiação desconhecida, costureira, matriculada na coletoria sob o número de ordem 2.061.

No relatório do chefe de polícia vários presos pedem licença para sair da cadeia e ir comprar materiais para o seu ofício de sapateiro, como os presos João José de Souza, Leopoldino Ribeiro da Silva e Silvino Brazilino. Em sua maioria as licenças eram concedidas, *“o preso João José de Souza pedindo licença para sair à rua, uma vez por mês, a fim de comprar materiais para seu ofício de sapateiro.”* A partir desses dois documentos, podemos constatar que após a libertação, o trabalhador liberto continuava a exercer as funções de quando era cativo.

As maiores incidências do trabalho liberto em Teresina estavam no ofício de roceiro, de costureira e de sapateiro. Os roceiros abasteciam internamente a cidade de Teresina com produtos alimentícios como hortaliças, aves e produtos derivados do leite. As roupas produzidas pelas costureiras eram usadas por grande parte da população livre e liberta, por pessoas que não tinham dinheiro para adquirir em outros lugares, e por escravos. Os sapateiros poderiam ser ambulantes ou ter uma loja, essa profissão era quase sempre exercida por negros ou mulatos; nas sapatarias poder-se-ia encontrar escravos e libertos e toda espécie de calçados confeccionados. Através dos inventários e das cartas de alforrias registradas entre os anos de 1870 e 1888, constatou-se que as profissões em Teresina estavam voltadas para a prática do roçado, e muitos sequer tinham ofício.

Profissão	Homens	Mulheres	Total
Roceiro	32	14	46
Sem ofício	11	7	18
Serviço doméstico	0	4	4
Costureira	0	5	5
Sapateiro	1	0	1
Cozinheira	1	4	5
Oleiro	1	0	1
Copeiro	1	0	1
Ferreiro	1	0	1
Carpinteiro	2	0	2
Arreeiro	1	0	1

Quadro 6: Atividade ocupacional, 1870-1888.

Fonte: Inventários Teresina, 1870-1888.

Os valores dos trabalhos desenvolvidos variavam de ofício para ofício. Em Teresina, o preço do trabalho de um mestre carpinteiro tinha uma diária de 400 réis, o mestre oficial, diária de 300 réis. O preço dos serviços oferecidos era: uma porta com portada, dando ao mestre a madeira 3\$200 réis e sem ela 2\$000; janela grande dando ao mestre a madeira 1\$550 réis e sem ela 1\$000; um carro com todos os aparelhos feitos à custa do mestre, 20\$000, e não sendo, 18\$000. As diárias desses profissionais eram idênticas às dos pedreiros. Um ferreiro tinha os preços estabelecidos de: calçar um machado com duas voltas de aço, 2 patacas; feitura de um freio, 800 réis; facão de trabalho, 800 réis; faca de arrasto, 1\$280. O preço da diária de um trabalhador servil de machado e enxada era de 160 réis.²¹

Os trabalhadores que não estavam sujeitos a rotina do emprego fixo, tinham maior possibilidade de organizar seu ritmo de vida, conseguindo integrar no seu cotidiano o

²¹ BASTOS, Cláudio Albuquerque. *Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

tempo-trabalho e o tempo-lazer. As atividades de trabalho e diversão coexistiam no mesmo movimento diário de sobrevivência desses trabalhadores. Mafalda Balduino exemplifica esta afirmação com o trabalhador Aires Antonio da Silva, que era um entre outros “trabalhadores temporários”, ora exercendo a profissão de marceneiro, ora a de músico, quando tocava acompanhando cortejos fúnebres.²²

As atividades domésticas possibilitavam às mulheres certa flexibilidade para preparar comida, tomar conta dos filhos e da casa, e exercer atividades como bordar e costurar.²³ Ainda tinham a oportunidade de serem contratadas para preparar banquetes nas casas de família de elite, e de venderem seus quitutes nos dias da festa da igreja.

Os dias de festas eram sempre esperados pela população. A rotina diária era quebrada para a participação e organização das festas. Nos dias que antecediam eram organizados os eventos que seriam realizados, as barraquinhas; os fogos, os tipos de comida e bebida, quem ficaria responsável por carregar o santo.²⁴

As principais comemorações religiosas da cidade de Teresina eram as festas realizadas na igreja Nossa Senhora das Dores, como a festa do mês Mariano, com missas cantadas, procissão à tarde, leilões e a festa da padroeira da cidade, na igreja Nossa Senhora do Amparo. A população mais pobre aguardava as festividades de São João, São Pedro, Santo Antônio e São Sebastião com bastante simpatia, pois elas proporcionavam esquecer-se do cansaço e das condições de miséria em que vivia.²⁵

Os batuques também serviam para amenizar o cotidiano do trabalho. Em Teresina, os batuques aconteciam na Rua dos Negros [atualmente próximo a Praça João Luís Ferreira], na subida que dava ao campo de Santana, freguesia das Dores.²⁶ O batuque no século XIX era uma dança onde os negros, em círculo, executavam cantos, passos, sapateados em ritmos marcados de palmas e instrumentos de percussão.²⁷ O batuque era

²² ARAÚJO, Maria Mafalda B. Cenas do viver. In: *Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1995.

²³ Ibid. id.

²⁴ ARAÚJO, Maria Mafalda B. Cenas do viver. In: *Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina*. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 1995.

²⁵ Ibidem, p. 60.

²⁶ SILVA, Mairton Celestino da. *Batuque na rua dos negros: cultura e polícia na Teresina da segunda metade do século XIX*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2008.

²⁷ Ibidem, p. 190.

alvo de vigilância policial, pois constituía um perigo para a ordem social instituída. Segundo Mairton Celestino o caráter subversivo das festas negras variava de acordo com a circunstância. Em momentos onde havia tranquilidade pública, a festa era vista como um mecanismo mantenedor da ordem imposta servia para amenizar a pobreza.

Em Teresina, o progresso estava unido a um conjunto de mudanças materiais, entretanto, acima de tudo, procurava-se a ordenação da sociedade. O cotidiano dos sujeitos nesta cidade durante o século XX passava pelo controle dos costumes, das ações que poderiam ser feitas em público, e dos comportamentos tidos como admitidos ou não.²⁸

A população teresinense encontrava-se nas rampas do rio Parnaíba, neste momento proseavam à vontade. Nesses encontros informais falavam dos problemas da vida: crimes, anedotas, e trocavam convites para beber e jogar. Os jogos, em sua grande maioria, eram acompanhados pelas bebedeiras e embriaguês. Os Códigos de Postura, as licenças municipais e as resoluções proibiam os jogos como forma de manter a ordem pública. As pessoas que concediam suas lojas, quitandas, ou casas públicas para jogos, danças, recebiam uma multa de quinze réis, e quem fosse pego pela polícia embriagado era preso por três dias, e tinha de pagar multa de dois mil réis; para os escravos, apenas a prisão.²⁹

*Tenho a honra de comunicar a Vossa Excelência que anteontem foram postos em liberdade – Ângelo Custódio dos Santos, Hermenegildo de Freitas Sousa, Antonio Pedro Cardoso, Manoel Saraiva da Silva, Joaquim Queiroz e Maria Cândida da Natividade, que se achavam detidos por embriaguez, o primeiro por minha ordem e os últimos por ordem do delegado de polícia. Foi recolhido a cadeia por ordem desta autoridade o individuo de nome Antonio Dinis Cabral, por embriaguez, e andar de um esterques.*³⁰

Como a maioria das famílias teresinense não possuía água canalizada, contratavam os serviços de lavagem de roupa. O trabalho das lavadeiras era próximo ao rio Parnaíba tornando possível o relacionamento com canoeiros, pescadores e outras lavadeiras. No verão as lavadeiras passavam pelas ruas, com trouxas de roupas na cabeça para lavarem no rio Parnaíba. Cantavam enquanto trabalhavam aumentando o ritmo de trabalho;

²⁸ COSTA, Francisco H. Vaz da. *De Relance: a construção da civilidade em Teresina (1900-1930)*. Teresina: 2009.

²⁹ *Idibem*, p. 75.

³⁰ ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ. Secretária de Segurança Pública. 1878.

reanimando ou alegrando os trabalhadores, o canto ritmava o trabalho de lavar, esfregar torcer e bater³¹. Este espaço também local de diversão de seus filhos que desfrutavam de mergulhos na água.

*Lava, lava, Lavadeira
A roupa de tua Sinhá.*

*A negra desse tamanho, assim!
Com uma trouxa desse tamanho, assim!
Um pedacinho de sabão, assim!
O Sol por ali, assim!*

*A lagoa desse tamanho, assim!
Com um pouquinho de água, assim!*³²

A noção de divertimento das classes populares era inseparável do trabalho, estando, integrada na experiência do dia a dia de cada uma.³³ Percebemos assim que os momentos de diversão eram de aglutinação social onde a comunidade negra se afirmava como portadora de uma história e cultura.³⁴

Após a luta pela liberdade, o negro lutava por uma vida digna. Liberdade passava a possuir um significado: acesso a direitos iguais aos dos demais cidadãos. Entre eles, o direito ao trabalho, a um salário, e dignidade. Liberdade significaria também ser autônomo e prover seu sustento. Mas liberdade de trabalho não significava direito e acesso ao trabalho. Os libertos só poderiam ter a certeza de serem participantes de uma nova situação social marcada pela precariedade, raramente com as ferramentas e recursos necessários para enfrentá-la.³⁵

³¹ MATOS, Maria Izilda Santos. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

³² ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ. CASTRO, NASI. *Folclore e memórias*.

³³ Idem, 1997, p. 54.

³⁴ Ibid. id.

³⁵ LIMA, Henrique L. *Sob o domínio da precariedade: escravidão e os significados da liberdade de trabalho no século XIX*. In: *TOPOI*, v. 6, n. 11, jul.-dez. 2005, p. 289-326.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. Festas religiosas no Rio de Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 14, 1994, p. 183- 203.

_____. *O império do divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ALGRANTI, Leila Mezan. *O feitor ausente: estudos sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro (1808- 1822)*. Rio de Janeiro: Vozes, 1988.

ALMEIDA, Patrícia Lage de. *Elos de permanência: o lazer como preservação da memória coletiva dos libertos e seus descendentes em Juiz de Fora no início do século XX*. Dissertação. (Mestrado) Universidade Federal de Juiz de Fora, MG.

ARAÚJO, Maria M. Balduino. *Cotidiano e Pobreza: A magia da sobrevivência em Teresina (1877- 1914)*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

_____. *Cotidiano e Imaginário: um olhar historiográfico*. Teresina: EDUFPI,1997.

AZEVEDO, Celia M. Marinho de. *Onda negra Medo Branco: o negro no Imaginário das elites no século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

BRANDÃO, Tanya Maria. *O escravo na formação social do Piauí: perspectiva histórica do século XVIII*. Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1992.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. *Hibridismo Cultural*. São Leopoldo: Unissinos, 2003.

CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: *História novos problemas*. Rio de Janeiro: F. Alves, 2, ed. , 1979, p. 17 – 42.

COSTA, Emilia Viotti. *A Abolição*. São Paulo: Global, 1997.

COSTA, Francisco H. Vaz da. *De Relance: a construção da civilidade em Teresina (1900-1930)*. Teresina: 2009.

CHAVES, Monsenhor. *Obras Completas*. Teresina: Fundação Cultura Monsenhor Chaves, 1998.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade: uma história da última década da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *Trabalho, Lar e Botequim: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2001.

FALCI, Miridan Brito Knox. *O Piauí na primeira metade do século XIX*. Teresina: Fundação Cultural do Piauí, 1986.

_____. *Escravos do sertão: demografia, trabalho e relações sociais*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1995.

FOUCAULT, Michel. *A vida dos homens infames*. In: ____ *O que é o autor*. São Paulo: Passagens, 1992.

FILHO, Walter Fraga. *Encruzilhadas da Liberdade: história de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2006.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. *A barra do Poti e sua expansão*. Criação da vila do Poti. Teresina – pesquisas históricas. Teresina, 1991.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

KARASCH, Mary C. *Slave life in Rio de Janeiro 1808- 1850*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Wisconsin, 1872.

KOWARICK, Lúcio. *Trabalho e vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

MATOS, Maria Izilda Santos. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MATTOS, Hebe Maria. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no Sudeste escravista, Brasil século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

MATTOS, Hebe Maria; RIOS, Ana Maria. O pós-abolição como problema histórico: balanço e perspectivas. *Topoi*, v. 5, n. 8, jan-jun.2004, p. 170- 198.

MORAIS FILHO, Melo. Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.

NOGUEIRA, Marilene. *Negro na rua: a nova face da escravidão*. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

NUNES, Odilon. *Pesquisas para a história do Piauí*. Teresina: Imprensa Oficial, 1996. v. 1,2,3.

_____. *Pesquisas para a história do Piauí*. Rio de Janeiro: Artenova, 1975. v. 4.

OLIVEIRA, Maria Inês Cortês. *O Liberto e os outros Mundos*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, UFBA, 1979.

PEREIRA DA COSTA, F. A. *Cronologia histórica do estado do Piauí: desde os seus tempos primitivos até a Proclamação da República*. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

POLLACK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf Editora Ltda, 1993.

PRIORE, Mary Del. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a República*. Teresina: EDUFPI, 1996.

QUEIROZ, Suely R. Reis. *A abolição da escravidão*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

RABELATTO, Martha. *O desmantelamento da escravidão, as alforrias e fugas de escravos na ilha de Santa Catarina, década de 1880*. Apresentação de comunicação no 3º Encontro: Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional.

REIS, João José. *A morte é uma festa*. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

SILVA, Marilene R. N. da. *Negro na Rua: a nova face da escravidão*. São Paulo: HUCITEC, Brasília: CNPq, 1988.

SILVA, Mairton Celestino da. *Batuque na rua dos negros: Cultura e polícia na Teresina da segunda metade do século XIX*. Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Federal da Bahia em 2008.

TINHORÃO, José Ramos. *Os sons dos negros no Brasil. Cantos, danças, folguedos:origens*. São Paulo, Ed. 34, 2008.